

A FOLHA

NOVA IGUAÇU, 02 DE NOVEMBRO DE 1975

A MORTE DA MORTE

Morrer e pagar impostos: de um ninguém foge e do outro poucos escapam. Mas de ambos queremos notícias. O que acontece com quem morre? Muitas respostas. Qual a verdadeira?

Os homens de hoje apresentam uma vontade incrível de conhecer seu futuro. Lançam-se em pesquisas do passado; estudam os costumes, ritos e história dos primitivos; dissecam múmias do Egito. Mas tudo isto não visa a saber simplesmente como o homem *era*. O interesse é decifrar o que o homem *é* e *poderá vir a ser*. Que será desta criatura dotada de inteligência, sentimentos, vontade, liberdade e mil dotes, mas limitada por menos de cem anos? Encontrará na morte o seu fim? E angustiado pelo drama, o homem de todas as épocas se lançou à procura da *árvore da vida*, o sonho da imortalidade. Todos os povos até hoje guardaram sagradamente como crença a fé num *amanhã eterno*. Os homens procuraram sempre traçar o roteiro desde seu nascer e morrer até esta pátria da imortalidade. Muitos — baseados numa filosofia — se ativeram ao retorno: de reencarnação em reencarnação, o homem alcançaria sua meta final. Outros — baseados em Jesus Cristo — se atêm à passagem da morte para a ressurreição.

Na impaciência muito nossa, o homem atual não espera acontecer. Propõe-se desde já construir este novo céu e esta nova terra. Pelo trabalho de suas mãos que nasce de sua inteligência, promove tudo quanto é bom, belo, justo e santo, para desde já inaugurar aquele amanhã definitivo. Consciente de toda a realidade, porém, não nega seu sonho e sua fé: tornar-se, como Jesus Cristo, liberto das limitações, sofrimento, angústia, solidão, doença e morte. O homem de hoje, inclinado ao desenvolvimento, à ciência e à técnica, jamais confunde suas conquistas e resultados humanizadores com a vida plena da ressurreição que lhe está prometida por Jesus Cristo. Nem tampouco aceita ilusões e fantasias: quer a verdade das coisas, a verdade de si mesmo e a verdade de Deus. E não encontra

tradição entre terra e céu. Por isso conquista um e outro no afã de realizar-se plenamente.

A ressurreição se dá "na morte". Como entender isto? Uma comparação: quando se dá a germinação da semente? A partir do momento em que, lançada à terra, inicia sua decomposição. *A morte da semente é o nascimento da árvore.* A árvore é como que a semente "ressuscitada". Comparação sempre é falha mas ajuda a entender. Quem houvera de crer que uma semente contém uma árvore em potência? Se a experiência não o tivesse mostrado, quem sabe, julgaríamos um absurdo. Quanto à ressurreição, temos uma experiência à mostra: a de Jesus Cristo.

O homem é uma unidade fundamental: corpo-alma. Corpo e alma, portanto, não são duas coisas no homem. Quando alguém diz *eu*, exprime a unidade total corpo-alma. O que chamamos de morte não é a separação entre corpo e alma como se pensava, mas sim a *passagem de um modo de ser* imperfeito, biológico, para outro modo, perfeito no seu relacionamento consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus. A morte assim não é limitação, mas libertação para a totalidade.

Difícil? Ou diferente? A mudança de mentalidade traz conseqüências. Nós nos apegamos às primeiras idéias, que nem sempre são as piores, mas também nem sempre são as melhores. Aqui vale uma reflexão e, quem sabe, uma descoberta: *foi na coragem de deixar o velho mundo que Colombo nos herdou a América.*

Finados: tempo que fala de saudades, de esperança; tempo que fala de ressurreição. Cada lágrima revela a certeza do amanhã eterno que todos procuramos. Uma só vida, uma só morte. Se o pecado nos trouxe a morte, a graça nos trouxe a morte da morte, como diz o Apóstolo.

CATABIS & CATACRESES

APÓS O FESTIVAL DE TODAS AS MENTIRAS, CHEGA O DIA DA VERDADE TOTAL

1. Saiba o amado leitor que o pior catabi da existência se chama precisamente Morte. Sabia? Não sabia? E olhe lá: catabi incontornável, intransferível, inapelável na estrada da tua e da minha existência.
2. Vai o sujeito despercebido por aí a fora e de repente vira notícia fúnebre, tarjada de preto. Foi o catabi da morte.
3. Atropelamento e morte na Praça 15. Ônibus desgovernado atropela três operários na calçada: um morre. Moça morre vítima de um aborto. Professora morre no Leblon em batida no poste de madrugada. Dose excessiva de cocaína mata moça em Copacabana.
4. E há mais: Polícia encontra cadáver de conde seqüestrado na Itália. Promotor grego pede pena de morte para de-

zoito dos vinte acusados. México: terror assassina mais dois policiais. Deputados são ameaçados de morte pelo ERP.

5. E há o vigia irritado matando um rapaz que jogava tênis de mesa. E um júri condenando a 31 anos de cadeia o esquizofrênico que matou pai, mãe, avó e irmão na Bahia. E o tufão Phyllis imolando 60 pessoas no Japão. E cento e quarenta mil pessoas que anualmente morrem afogadas no mundo inteiro.

6. De tudo isto e do que sucede ao teu redor, leitor bem sofrido, quem duvidará do catabi-morte? Agora o impossível é a morte como catacrese. Não, leitor, não há como evitar essa indesejável nem como disfarçar nem como subornar. Mas se tiveres fé, poderás dizer com S. Paulo: "Morte, onde é que está a tua vitória?" e com S. Francisco: "Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal". E você, leitor bacana?

1. CANTO DE ENTRADA

(Missa dos Bem-aventurados - Miria Kolling - Cassetê no Centro de Formação)

1. A vida, pra quem acredita, não é passagem ilusão / E a morte se torna bendita, porque é nossa libertação.

Estrilho:

Nós cremos na vida eterna e na feliz ressurreição / quando de volta à casa paterna com o pai os filhos se encontrarão.

2. No céu não haverá tristeza, doença, nem sombra de dor / E o prêmio da fé é a certeza de viver feliz com o Senhor.

3. O Cristo será, neste dia, a Luz que há de em todos brilhar / A Ele imortal melodia os eleitos hão de entoar.

2. ACOLHIDA E RECONCILIAÇÃO

P. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

T. — Amém.

P. — A graça de N. S. Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!

T. — Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

P. — Irmãos, Cristo ressuscitou dos mortos.

T. — Por isso nós também ressuscitaremos / pois quer vivamos, quer morramos / pertencemos ao Senhor!

P. — "Eu sou a Ressurreição e a vida" — disse o Senhor — "todo aquele que crê em mim, mesmo que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá para sempre".

T. — "Na casa de meu Pai há muitas moradas — eu vou preparar um lugar para vocês" — disse Jesus — "Quem permanecer em mim — viverá eternamente". Semeados na fraqueza — ressuscitamos vigorosos — Semeados na mortalidade — ressuscitamos imortais.

P. — Para participar desde já da Vida Eterna, façamos agora nossa reconciliação conosco mesmos, com nosso próximo e com Deus. (Silêncio).

Senhor, por todas as vezes que não fomos nós mesmos, vivendo na hipocrisia, tende piedade de nós.

T. — Senhor, tende piedade de nós.

P. — Cristo, por todas as vezes que não vivemos como irmãos em casa, no trabalho e na sociedade, tende piedade de nós.

T. — Cristo, tende piedade de nós.

P. — Senhor, por todas as vezes que nos desinteressamos por vós e mesmo o desprezamos por palavras ou atos, tende piedade de nós.

T. — Senhor, tende piedade de nós.

3. ORAÇÃO

Senhor / vós sois o sentido da vida e da morte. / Acolhei nossos irmãos / que faleceram na certeza de ressuscitar. / Trocai nossa tristeza pela vossa alegria / nossos conflitos por vossa paz / nossa tensão por vossa doçura / nossa maldade por vosso amor / nosso desânimo por vossa esperança. / Por Jesus Cristo / o primeiro ressuscitado dos mortos / que vive entre nós / e convive convosco / na unidade do Espírito Santo. Amém.

4. I LEITURA

(1Tes 4,12-13,17): «Irmãos, não queremos que vocês ignorem coisa alguma a respeito dos mortos para que vocês não se entristeçam, como os outros homens que não têm esperança. Se cremos que Jesus Cristo morreu e ressuscitou, assim precisamos crer também que Deus levará consigo os que morrem. Animem-se, portanto, uns aos outros com estas palavras». — Palavra do Senhor.

5. CANTO DE MEDITAÇÃO

Estrilho:

A certeza que vive em mim é que um dia verei a Deus / Contemplá-lo co'os olhos meus é a felicidade sem fim.

1. O sentido de todo viver eu encontro na fé e no amor / Cada passo que eu der será buscando o meu Senhor.

2. Peregrinos nós somos aqui, construindo morada no céu / Quando Deus chamar a si quem foi na terra amigo seu.

6. II LEITURA

Evangelho de Jesus Cristo segundo João (14,1s). Jesus disse: «Não fiquem tristes e preocupados. Confie em Deus e confie também em mim. Na casa de meu Pai há muitos lugares, e eu vou preparar um lugar para vocês. Se não fosse assim, eu já lhes teria comunicado. E depois que eu for e preparar o lugar, voltarei e os levarei comigo, para que todos vocês possam estar onde eu estiver. E vocês conhecem o caminho para onde eu vou: eu sou o caminho, a verdade e a vida». — Palavra da salvação.

7. PROFISSÃO DE FÉ

Cremos em Deus nosso Pai / em Jesus Cristo nosso irmão / no Espírito Santo que nos une em Comunidade. / Cremos em Maria / mãe de Jesus Cristo e nossa mãe; / na Igreja, continuadora da libertação. / Cremos na ressurreição de todos os homens / como vocação da humanidade. / Cremos na comunhão de todos / que constroem aqui na terra / os merecimentos e condições para o céu. Amém.

8. PRECES DA COMUNIDADE

P. — Irmãos, elevemos agora nossa oração comunitária a Deus que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos:

1. Por todos nós aqui presentes, para que no provisório do dia-a-dia construamos nossa felicidade definitiva, rezemos ao Senhor.

2. Para que nossa vida retrate a esperança na ressurreição de todos, rezemos ao Senhor.

3. Para que nossa oração pelos falecidos não seja um adeus fúnebre, mas gesto de esperança e certeza na ressurreição, rezemos ao Senhor.

4. Para que neste dia de Finados o Cristo nos esclareça que a morte é o passo final para a ressurreição, rezemos ao Senhor.

9. CANTO DE OFERTÓRIO

Estrilho:

Os olhos jamais contemplaram, ninguém pode explicar, / o que Deus tem preparado àquele que em vida o amar.

1. As lutas, a dor e o sofrer, tão próprios à vida do ser / Ninguém poderá comparar com a glória sem fim do céu.

2. Foi Cristo quem nos mereceu, co'a morte, a vida e o céu / E ainda se entrega por nós, como oferta constante ao Pai.

10. ORAÇÃO DAS OFERTAS

T. — Neste dia de Finados, Senhor, / juntamente com pão e vinho / recebi a oração, as saudades e a dor da separação / aceitai também nossa esperança firme / na ressurreição de nossos falecidos. Amém.

11. CANTO DE COMUNHÃO

Estrilho:

Todo aquele que crê em mim um dia ressurgirá / E comigo, então, se assentará à mesa do banquete de meu Pai.

1. Aos justos reunidos neste dia, o Cristo então dirá: / "Oh! venham gozar as alegrias que meu Pai lhes preparou!"

2. A fome muitas vezes me abateu, fraqueza eu senti. / Vocês, dando o pão que era seu, mais ganharam para si.

3. E quando eu pedi um copo d'água, me deram com amor, / E mais, consolaram minha mágoa ao me verem sofredor.

4. Eu lembro que também estive preso: terrível solidão!... / Vocês aliviaram este peso com a sua compreensão.

5. O frio me castigava sem piedade, não tinha o que vestir: / Num gesto de amor e de bondade, vocês foram me acudir.

6. Amigos, esta fé é a verdadeira, que leva para o céu / Aquele que Deus a vida inteira no irmão sempre acolheu.

12. CANÇÃO À MORTE

Eu espero a Morte como se espera o Bem-Amado. Não sei quando virá, nem como virá. Mas eu espero. E não há medo nesta expectativa. Há somente ansia e curiosidade, porque a Morte é bela. Porque a Morte é uma porta que se abre para lugares desconhecidos, mas imaginados. Como o amor, nos leva para um outro mundo. Como o amor, começa para nós outra vida, diferente da nossa. Eu espero a Morte como se espera o Bem-Amado. Porque eu sei que um dia ela virá e me receberá em seus braços amigos. Seus lábios frios tocarão

a minha frente, e sob a sua carícia eu adormecerei o sono da eternidade. Como nos braços do Bem-Amado. E esse sono será um ressurgimento. Porque a Morte é a Ressurreição, a Libertação, a Comunicação total com o Amor total.

13. AÇÃO DE GRAÇAS

Deus nosso Pai / neste dia de Finados / mil perguntas povoam nosso coração. / Sentimos angústia, dor e separação. / Mas no final desta celebração / nos sentimos invadidos pela esperança. / Sabemos que sois o Deus dos vivos / pois quem crê em vós / ainda que morto viverá. / Transformai nosso medo da morte / em esperança na ressurreição; / nossa tristeza pela separação / em alegria de saber todos os falecidos na glória de vossa presença. / Louvor e ação de graças por esta

tranquilidade / louvor e ação de graças pela ressurreição de nossos irmãos / pela nossa ressurreição / pela ressurreição de Jesus Cristo. Amém.

14. CANTO FINAL

1. Felizes os que vivem a pobreza, buscando em Deus a fonte dos seus bens / Que chora e sente fome, à sua mesa, do pão e da Palavra lá dos céus.

Estribilho:

Pois terão o seu lugar no céu e para sempre eles verão a Deus!

2. Felizes os que sofrem injustiça, por causa da Palavra do Senhor; / E todos os que forem perseguidos por construir o reino de amor.

3. Felizes os que têm misericórdia e fazem só o bem a seu irmão / E aqueles que

semeiam no caminho o amor e a paz em cada coração.

4. Felizes os que amam a Verdade, e têm os olhos claros como a luz / Aquele que de Deus faz a vontade, levando com amor a sua cruz!

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Rom 11,29-36; Lc 14,12-14 /

Terça-feira: Rom 12,5-16; Lc 14,15-24 /

Quarta-feira: Rom 13,8-10; Lc 14,25-33 /

Quinta-feira: Rom 14,7-12; Lc 15,1-10 /

Sexta-feira: Rom 15,14-21; Lc 16,1-8 /

Sábado: Rom 16,3-9.16-27; Lc 16,9-15.

DIA DE FINADOS, DIA DA CAMPEÃ DE TODAS AS FÓRMULAS-1

Conta a lenda oriental que certo dia, isso há muitos anos, quando os animais ainda falavam, num dos reinos das mil e uma noites o jovem príncipe herdeiro recebeu uma carta. Abriu o envelope com displicência, julgando tratar-se de mais uma das declarações de amor que constantemente recebia das moças casadouras do reino; ou de mais uma «puxação» dos vassallos, louvando «de graça» a juventude, a beleza e a inteligência do príncipe, entre muitas iguais que também recebia. Desdobrou a folha com ar de superioridade, leu a primeira frase, ficou pálido e começou a tremer, pois tinha lido tudo: a carta era uma frase só: «Daqui a um mês, neste mesmo dia, venho te buscar. Assinado: A Morte».

O príncipe jovem, belo e rico reuniu a corte e desabafou a sua revolta: «Tanta gente no reino que podia morrer hoje ainda! Tanta gente com doenças incuráveis! Cancerosos à vontade e toda espécie de doença! Tanta gente velha, que já viveu a vida e já tem até vontade de morrer! Tanta gente pobre que só faz sofrer! Tanta gente sem nenhum futuro pela frente, que ia até agradecer passar logo desta para melhor! Por que a Morte foi se lembrar logo de mim, que sou moço, sou sadio, sou rico e ainda tenho todo o meu futuro pela frente? Não aceitarei o destino, não receberei a visita, podem avisar que está desmarcada esta audiência! Vou fugir pra bem longe, vou me esconder, a Morte não vai me encontrar!»

Combinou secretamente com seus familiares o plano e logo no dia seguinte montou o seu corcel puro

sangue (naquele tempo ainda não havia cadillacs de ouro) e se mandou, carregado de mantimentos, na grande viagem para longe da Morte. Ainda faltavam 29 dias, tempo suficiente de fugir e afastar-se o mais possível do local marcado para a indesejável visita. Viajou, viajou, viajou. Se afastou, afastou e afastou. Percorreu países, atravessou cidades, passou aldeias, passou por muita gente que, em seus pensamentos, devia estar lá bem na frente da fila da injusta Senhora. «Mas ela não vai me pegar de jeito nenhum, vou mostrar!»

Uma tarde, após muito viajar, o prazo já quase expirando, o príncipe chegou a um pequeno oásis, cercado de deserto por todos os lados. Parou o cavalo e pensou: «É aqui! Aqui ninguém vai me encontrar! Estou salvo, a Morte vai dar viagem perdida lá em casa!» Apeou, amarrou o cavalo numa palmeira e foi até a fonte beber. A beira da fonte surpreendentemente estava outra pessoa já se levantando a fim de prosseguir viagem. Ouvindo os passos do príncipe na areia, a misteriosa pessoa voltou-se, abriu a cara com ar de surpresa e não se conteve: «Você por aqui? Eu já estava de partida, você me poupou uma grande viagem!»

Uma historinha com clima de Dia-de-Finados pagão, mas que não fará mal às nossas ambições enormes pagãs. Dia de Finados, deixemos os mortos, pois já estão nas mãos de Deus, e nos lembremos de nós e da meridiana inutilidade de nossas ambições mais queridas.

LEVE A FOLHA PARA LER EM CASA

IMAGEM FRANCESA

1. Limpida manhã de outubro no céu parisiense. Temperatura amena de oito a dez graus. O sol brilha. Domingo convidando. Outono convidando. A vida novamente vivida e amada, após os horrores da guerra, depois das vinganças, depois das mútuas condenações e dos tribunais punitivos. Reencontra-se a eterna França. Reencontram-se de novo todos os caminhos do mundo nesta doce França que sempre ensina e nesta Paris que sempre irradia cultura e beleza. As margens do Sena a multidão se aquece e esquece.

2. Ah, la guerre, la guerre! Passou o pesadelo vergonhoso. Agora é construir e esquecer. Agora é viver. Deixemos a glória pra trás. E as mesquinhas rivalidades. Estendamos a mão sobre o Reno e sobre o Canal, para o Norte e para o Sul, para o mundo inteiro. Somos irmãos, n'est-ce pas? E como sinal de fraternidade passa justo entre mil passantes um franciscano que goza também a limpidez do outono. E se aquece. E se esquece. E anuncia aos homens torturados a paz, a esperança, um mundo mais fraterno.

3. Passa lento, descuidado aos olhos dos que se aquecem e se esquecem, sentados no parapeito do Sena, gente do povo, marcados pelo sofrimento e pelas misérias da guerra louca. Passa, e de repente salta-lhe na frente um gigante gaulês, mal vestido, barbudo. Pega-lhe na mão estupefata. Aperta-a. E ao frade confuso vai dizendo: «Mon Père, deixe apertar sua mão. Na guerra um dos senhores salvou minha vida. Eu lhe sou eternamente grato». E mais aperta. E mais limpidez se faz no outono de Paris e do mundo. (A. H.).

QUESTÕES ATUAIS

Dia de Finados num domingo?

Estranheza — O que muda e o que não muda na Igreja — A eucaristia: realidade fundamental, imutável — Presença do Espírito Santo na Igreja — O secundário e o principal no dia de Finados — O mistério pascal ilumina a morte e os mortos.

A FOLHA:

Antigamente o dia de finados não podia ser comemorado em domingo. Se caía no domingo, era transferido para a segunda-feira. Agora não: neste domingo estamos comemorando nossos mortos na Liturgia. Por que a Igreja muda assim de atitude? Com isto não se dá uma mudança na fé?

D. ADRIANO:

Há na Igreja elementos fundamentais que não mudam, não mudaram nunca, não podem mudar. Dizemos que são fundamentais porque pertencem à base, aos alicerces da Igreja. Dizemos que não mudam porque foram direta ou indiretamente criados por Jesus Cristo, fundador da Igreja.

Entre estes elementos fundamentais que não mudam, que não podem mudar, está, por exemplo, a eucaristia, o sacramento do corpo e do sangue do Senhor, como sacrifício e como banquete da família de Deus, como presença de Jesus Cristo em nosso meio, como alimento de nossa fé, como base de nossa esperança, como fonte de nosso amor fraterno, enfim como o resumo de todas as maravilhas de Deus para o bem do seu povo. Na eucaristia, como a Igreja sempre a entendeu através dos tempos, como a teologia tem procurado explicitar sem que chegasse ainda — e talvez nunca chegue — à formulação mais perfeita e mais clara, na eucaristia a Igreja tem o seu bem mais precioso e o sinal mais claro da dinâmica do reino de Deus e da graça.

O Espírito Santo, que acompanha intimamente e norteia a vida da Igreja, preserva-a de ser infiel a Jesus Cristo e ao evangelho. É possível, como aconteceu em tempos antigos e pode acontecer ainda agora, que fulano ou sicrano se torne infiel, que regiões e mesmo nações inteiras voltem as costas à fé cristã e católica, quer por seduções mascaradas quer por pressões e perseguições políticas ou ideológicas. Mas o que não pode acontecer é que a Igreja como tal cometa traição ao evangelho e a Jesus Cristo. É que Jesus Cristo mesmo nos garantiu: "Eu estarei com vocês até o fim dos tempos" (cf. Mt 28,20). A promessa do Espírito Santo tem o mesmo sentido para a Igreja.

Está claro, com o exemplo da eucaristia que pertence ao estoque fundamental da Igreja e com a lembrança da ação do Espírito Santo e de Jesus Cristo na Igreja, está claro o que não pode mudar, nem mudou nunca?

Comemorar os nossos irmãos falecidos neste ou naquele dia, com estas ou aquelas cerimônias é secundário. Importante neste contexto é a nossa fé na vida eter-

na, na ressurreição, na comunhão dos santos. Importante neste contexto é a nossa fé no poder de intercessão da Igreja.

Em outros tempos, via-se uma certa contradição entre o domingo e o dia de finados. O domingo, como pequena Páscoa, era um dia de alegria; finados, como recordação dos nossos irmãos falecidos, era um dia de tristeza e de luto. Nesta colocação, era impossível celebrar o dia de finados em domingo. Por muitos séculos foi esta a mentalidade dominante que se impôs na Liturgia.

Mas se partirmos do dogma da comunhão dos santos, tudo se apresenta diferente. Quando recordamos os nossos irmãos falecidos, o que está em consideração não é a morte em primeiro lugar, mas sim a comunhão de todos aqueles que crêem em Jesus Cristo. Neste dia lembramo-nos dos nossos irmãos que nos precederam ou, como diz a primeira oração eucarística: "que partiram desta vida marcados com o sinal da fé".

A comemoração dos mortos — e aí pensamos nos nossos mortos queridos, pais e irmãos, parentes e amigos, benfeitores e colaboradores, todos que ainda faz pouco viviam conosco e faziam parte do nosso pequeno mundo visível — está bem marcada pelo mistério pascal: se a morte significa renúncia, despojamento, crucificação, significa também e muito mais ainda libertação e encontro definitivo com o Pai. S. Paulo pode afirmar com toda razão: "Se morremos com o Cristo, cremos também que viveremos com ele, sabendo que o Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais" (Rom 6,9).

Compreendemos que, nesta visão, é possível e muito claro também comemorar o dia de finados em domingo. O mistério pascal ilumina as duas festas. Nesta visão podemos compreender igualmente por que é possível celebrar a S. Missa — a mesma S. Missa — em ação de graças e por um morto querido: visão pascal, visão do imenso amor de Deus que nos chama a participar de sua vida divina.

A FOLHA

Ano 3 - 02 de novembro de 1975
Nº 180

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da
Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2252.
Caixa Postal 22.
26.000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de
setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.